

A POÉTICA DAS ÁGUAS: POTÊNCIA FEMININA NEGRA NO CONTO *UM SÓ GOLE*, DE MIRIAM ALVES

Roberta Tiburcio Barbosa ¹

RESUMO

As discussões a respeito dos modos de apresentação dos grupos pertencentes às chamadas minorias sociais ganham cada vez mais visibilidade na atualidade. No (per)curso da negritude brasileira, Miriam Alves é figura de destaque desde 1980. Na contemporaneidade, sua voz continua a ecoar resistência e subversão. O presente trabalho irá estudar o conto “Um só gole”, publicado na coletânea *Juntar pedaços* (2021), no qual a autora tece uma série de problematizações poéticas a respeito da trajetória de empoderamento feminino. Com base nos estudos de Ribeiro (2017); Berth (2018); Akotirene (2019); Almeida (2019); e Gonzalez (2020); procuraremos refletir acerca dos sentidos fomentados pela narrativa em questão para a compreensão da figura da mulher negra inscrita na produção *literária negro-brasileira*, conforme defende Cuti (2010). Dessa forma, almejamos contribuir para a promoção de estudos acadêmicos de teor antirracista.

Palavras-chave: Miriam Alves, *Um só gole*, Mulher negra, Literatura.

INTRODUÇÃO

*Sou um rio. Os rios contornam todos os obstáculos.
Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio.
Quero explodir com o vento e trazer de volta o fogo
para o meu leito, hoje quero existir.
Paulina Chiziane²*

A literatura de autoria de mulheres negras vem ao longo dos anos questionando estruturas impostas socioculturalmente por sistemas que se autoproclamam detentores de poder ou de decisões nos mais variados âmbitos. Formas de subjugação com base em fatores como raça/etnia, gênero, classe social e sexualidades encontram na arte contemporânea enxurradas-problematizações que rompem silenciamentos prescritos.

Cuti (2010) cunhou o termo *literatura negro-brasileira* pra se referir ao projeto de enfrentamento ao racismo operado pela/na literatura, haja vista que “A literatura, em suas inúmeras tentativas de definição e conceituação, constitui uma das instâncias discursivas mais importantes, pois atua na configuração do imaginário de milhões de pessoas” (CUTI, 2010, p.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, robertatiburcio1@gmail.com.

² *Niketche*: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021, p. 17.

48). Nesse sentido, posicionar-se criticamente, por meio de textos literários, ante organismos de dominação é um dos pontos chave desse projeto:

A literatura negro-brasileira nasce na e da população negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branca que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. (CUTI, 2010, p. 44-45).

Miriam Alves é uma das personagens que faz parte ativamente dessa demanda, ao lado de precursores do movimento negro-brasileiro como o próprio Cuti, desde o início da publicação de seus textos. A partir da década de 1980, ingressou no coletivo Quilombhoje Literatura, responsável pela produção dos *Cadernos Negros*, publicação na qual fez sua estreia no número 5, de 1982. Em sua apresentação, ressalta: “comecei chorando, agora grito palavras e lágrimas, os soluços e as agulhas da opressão que ferem fundo minha pele negra” (CUTI, 1982, p. 44).

Nesse (per)curso, Miriam desagua resistência e empoderamento negro no rio-espço literário brasileiro. É o que se observa no conto “Um só gole”, publicado em uma de suas produções mais recentes intitulada *Juntar Pedacos* (2021). Na narrativa, a autora tece uma reflexão a respeito da trajetória de luta e subversão da mulher negra brasileira: “Enquanto meus pés, levando-me, percorrem avenidas cravejadas de pedras, dirijo-me guiada pelos meus pensamentos. Não importa para onde vou. Eu vou. Eu ia me interrogando o motivo desse ato” (ALVES, 2021, p. 81). O presente trabalho objetiva, pois, discutir os sentidos fomentados pela narrativa em questão para a compreensão da figura da mulher negra inscrita na produção literária negro-brasileira.

1. GOTAS DE TEORIA: PENSANDO A LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA

Na sociedade brasileira, o racismo estrutural orienta a distribuição dos sujeitos segundo categorias que promovem a marginalização daqueles que não pertencem ao grupo eleito como privilegiado, sendo este o padrão homem branco cisgênero, heterossexual e rico. Desta feita, a população que fica às margens dessa denominação procura formas de granjear visibilidade para as suas demandas por direitos interditos.

A literatura é um dos espaços mais potentes de reivindic(ação) dos integrantes das periferias do poder. Nesse processo, ganham destaque as discussões em torno da ideia de representatividade. “O que chamamos representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia” (ALMEIDA, 2019, p. 109).

Escrever é uma forma de inscrever-se, enquanto sujeito do discurso, em um espaço de disputas epistemológicas. Por essa razão, não apenas a importância da personagem negra é mote nos projetos de empoderamento negro, como também, e principalmente, a posse do discurso de si é uma temática amplamente debatida. Haja vista que a chamada história oficial silencia ou apaga existências subalternizadas, conceitos como lugar de fala ressaltam a singularidade de/em cada grupo que enuncia suas demandas. “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 66).

A *literatura negro-brasileira* opera um enfrentamento à lógica racista de controle social. Ela problematiza representações que promoviam a estereotipação da negritude, inclusive, em um dos períodos mais visíveis de exploração:

A iconografia do tempo da escravidão não nos traz nenhuma imagem de revolta dos escravizados. [...] Onde está a revolta na imagem que temos hoje do século XIX e anteriores? Onde estão as imagens dos quilombos ativos? Há, portanto, um vazio, que acaba significado a não existência da reação dos escravizados. Este vazio proposital quis fazer o futuro acreditar que o passado nas fazendas escravagistas foi pacífico por parte do oprimido. [...] É um vazio da ideologia racista, esta mesmo que impôs o silenciamento da expressão negra no passado por meio da violência, justificando-se pela necessidade da ordem e do progresso da nação. (CUTI, 2010, p. 58).

O grito negro irrompe vazios sociopolíticos. Frente às expressões que buscavam incutir na negritude uma humanidade inexistente e uma passividade cúmplice, sob o crivo de uma violência pungente, as escritoras e escritores atuais promovem em suas produções espaços de fortalecimento dos grupos aos quais pertencem. Nesse processo de empoderamento da negritude, a mulher negra é a protagonista, que faz com que suas águas-potências inundem espaços outrora secos-desiguais e que por meio de sua fertilidade possibilita devires mais prósperos:

Uma vez que a água para as mulheres negras é fundamento epistemológico, não sendo à toa, por identidade ancestral sermos todas chamadas de ialodês – título consagrado a Oxum, senhora das águas e mensageira política das

reivindicações das mulheres, na Nigéria. [...] Oxum representa aquela que tem autoridade no espaço público-privado para reivindicar em nome da comunidade. (AKOTIRENE, 2019, p. 32)

A mulher negra reúne em si as urgências dos que compartilham estratégias de resistência ao jugo opressor. É por meio dela, aqui, que observamos os entrecruzamentos das variadas categorias subjetivas que orientam as relações socioculturais. Tais configurações fomentam reflexões sobre múltiplos apagamentos históricos que integram os âmbitos público e privado. Nesse sentido, “a interseccionalidade é, antes de tudo, uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais” (AKOTIRENE, 2019, p. 63).

Destarte, pertencimentos múltiplos entrecruzam os sujeitos em suas trajetórias cotidianas, “o processo de entendimento e desenvolvimento de cada uma dessas dimensões vai culminar no *empoderamento* de sujeitos em simbiose com o *empoderamento* da coletividade” (BERTH, 2018, p. 86). [grifos da autora]. Considerando-se as correntezas-mulheres negras como signos de manifestação das insurgências daqueles que não se deixam calar-conter pelos mecanismos de dominação e que assim como o rio contornam todos os obstáculos no caminho, empreendemos o estudo da contística de Miriam Alves.

2. CHUVA DE POESIA: UM SÓ GOLE, DE MIRIAM ALVES

No conto “Um só gole”, publicado na coletânea *Juntar pedaços* (2021), a escritora negra brasileira Miriam Alves nos apresenta as reflexões travadas por uma mulher ao longo de uma trajetória de resistência frente aos mecanismos de opressão arquitetados pelos regimes de dominação.

À medida que procura compreender os seus meandros existenciais, a narradora do conto provoca as leitoras e os leitores com suas indagações: “Pensei em suicídio. Estou imóvel. Estar imóvel já não era a morte? Ficar energicamente parada já não é suicídio? Estava carregada de energia, porém estática” (ALVES, 2021, p. 81).

O fato de ter muito a fazer ou falar e, no entanto, se manter parada/silenciada assombra a narradora no início de sua apresentação: “Tenho medo. Muito medo. Não tenho medo de morrer, acho que é para isso que servem os suicídios. Sinto medo de viver. É por isso que existem os suicidas. Medo de viver. Medo da vida” (ALVES, 2021, p. 81).

A personagem deixa em evidência o seu medo de viver em um espaço hostil que procura mantê-la presa a posições de inferioridade, haja vista que “Desde a época colonial aos dias de hoje, percebe-se uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por

dominadores e dominados” (GONZALEZ, 2020, p. 84). A vida de obstáculos e exploração imposta por sistemas de subalternização sufocam a personagem narradora e o grupo ao qual pertence. “Num estalo de segundo, percebi, eu estava margeando o rio Mandaqui, andando numa marcha abobalhada, de lá para cá, daqui para lá, como um soldado guiado por ordens de um sargento. Meu sargento, quem era o meu sargento? Eu tenho medo da polícia” (ALVES, 2021, p. 81).

Em sua marcha, a narradora percebe que está sendo guiada por princípios que não são seus, mas que são incutidos por dispositivos de controle, que procuram limitar-lhe o trajeto, por isso se reconhece alheia a si mesma, perdida em meio àquela trilha a que foi compelida.

Merece atenção, ainda, no trecho exposto acima, a referência ao rio Mandaqui, pois contextualiza a narrativa no estado paulistano, local de origem de Miriam Alves e de ambientação de muitas de suas produções. Nesse sentido, autora e narradora se (con)fundem e promovem uma derrubada das estruturas consolidadas por meio de uma enxurrada de problematizações. “Parece que vai chover. Meus pensamentos são nuvens, prontas a descarregar suas balas sobre todos” (ALVES, 2021, p. 81).

Por muito tempo, houve o represamento de tais águas-insurgências: “As nuvens densas, carregadas de energias, continham-se. Eu me continha. Quieta. Eu sempre me contive, densa. Sempre montei prontidão nos meus atos. [...] Sempre silencieei os barulhos surdos do meu porão interior” (ALVES, 2021, p. 81). Livrar-se dessa barreira de contenção-prisão é tarefa árdua:

Será que vai chover? Sinto o vento forte fustigando o meu rosto. Os papéis picados no chão estão paralisados como eu. Algumas pequenas folhas de árvores são atiradas, pela força do vento, contra a pequena murada do rio. Será que eu sairia viva? Meio viva? Morta? As inquietações atravessam a superfície do rio, para boiar em mim como interrogações. O que tinha me posto ali? Quem? O quê? Quem? Eu! Boio como interrogações, naufraga de mim. (ALVES, 2021, p. 82).

Os questionamentos acerca das trajetórias em curso revelam observações a respeito das organizações sociopolíticas estabelecidas historicamente. Os papéis atribuídos a cada sujeito nessas conjuturas apontam para hierarquizações várias, resultantes em mecanismos de opressão e silenciamento que retiram dos sujeitos, inclusive, suas marcas identitárias e os tornam naufragos de si mesmos. Tais apagamentos subjetivos são operados, por exemplo, pelo racismo estrutural, evidenciados pela narradora desde sua infância:

Na data da abolição da escravatura, eu fui a escrava que suplicava ao senhor para não lhe bater a chicotes. Saí-me bem no papel. Talvez um treinamento para as outras tantas súplicas futuras. Na ocasião do Natal, representaríamos o nascimento de Jesus. Eu escolhi ser Maria. Foi um riso só. [...] O professor tentou me convencer a representar a camponesa. “Não!”, dizia eu. Afinal, me saíra bem no papel anterior. Os risos aumentavam de intensidade. Diante da minha obstinação, Ergos argumentou: “Maria não pode ser da sua cor”. Chorei, lágrimas entrecortadas por soluços, o que aumentava a hilariedade da criançada, que improvisava um coro: “Maria não é preta, é Nossa Senhora. Maria não é preta, é mãe de Jesus.” (ALVES, 2021, p. 83).

A escola é uma das instituições que operam, em certos pontos, a manutenção das estruturas de hierarquizações sociocultural. A personagem narradora apresenta o fato citado acima como o primeiro contato, que tem memória, com a divisão social. Esses acontecimentos vão se reunindo e amotinando seus pensamentos: “Será que vai chover? As nuvens brancas passam veloz, perseguidas pelas nuvens negras, que parecem querer sorver, num só gole, o céu inteiro. Sorri. [...] O riso escondia uma revolta” (ALVES, 2021, P. 84).

A revolta-tempestade se aproxima. As vozes sufocadas emergem das periferias do poder e tornam visíveis suas potências. “Revoltei-me, fitava o monstro em que eu me tornei. Com os olhos estranhamente arregalados, arranquei, num grito, a boca da face. O corpo estremeceu. A boca cresceu. Enorme, com enormes dentes, que, como lanças, se agarravam às extremidades dos monstruosos apêndices protuberantes” (ALVES, 2021, p. 86).

A boca-voz cresce e rasga a face-estrutura de silenciamento, ela fere o *status quo* e se apresenta monstruosamente gigantesca, não mais passiva ou submissa, não mais contida-pequena e explode em uma enxurrada insurgente: “Parece que vai chover. Notei que a natureza se armava. Atarefava-se para a luta. Formava uma tempestade. Ouvia-se o ronco das nuvens ao longe, como tanques avançando, invadindo o campo de batalha do céu” (ALVES, 2021, p. 84-85).

As muitas tentativas de aculturação não foram capazes de suprimir a consciência da negritude ativa na narradora, “Eu não consigo me esconder. As nuvens, preches de chuva, ameaçam assustadoramente, soltam grito rouco, dilacerante” (ALVES, 2021, p. 85). Ainda, que por um período, a personagem admita ter buscado encaixar-se no padrão enbranquecido que lhe foi instituído, ao alisar seus cabelos, ela ressalta que seu corpo-natureza sempre renunciava uma chuva-revolta à espreita.

Não há maneiras eficazes de esconder-se de si mesma, ou seja, de mascarar os elementos que compõem as identificações socioculturais dos sujeitos. Eles se manifestam e excedem toda tentativa de controle. “A enorme boca, fora de mim, lutou e comeu tudo. Na

luta, alguns pingos, como chuva, respingaram em meus pés e mãos, o líquido armazenado nele, desde a primeira vez que me arrastei” (ALVES, 2021, p. 86).

A chuva é o momento em que os grupos oprimidos desaguam em revolta contra os obstáculos que impedem suas jornadas:

Arrotei fundo, como trovoadas. As nuvens gargalharam em corisco, começou a cair chuva do céu. O rio movimentou-se em seu curso. Em pé, olhei-me novamente no espelho. Não rastejava mais. Não portava mais inconvenientes corcundas. Soltei-me em emoções. Abracei-me à vida. Caminhei. (ALVES, 2021, p. 87).

Aqueles que antes andavam curvados, submissos, formando corcundas ou marcas de suas condições de subjugação, levantam-se e expressam suas emoções, suas demandas, sua ânsia por vida e liberdade. Caminham conscientes de duas potências e apostam em devires melhores, repletos de água-alegria onde antes havia a seca-exploração.

CONCLUSÃO

O conto de Miriam Alves debate os precursos da opressão negra em um só gole literário ou, melhor, poético. A sua narradora personagem inunda os leitores e leitoras com os gritos de revolta que ecoam das bocas-corpos outrora silenciados.

A narrativa, publicada em 2021, é uma das produções que integram o projeto da *literatura negro-brasileira*, conforme conceitua Cuti (2010), haja vista que torna evidentes os processos racistas que imperam na caminhada negra. O preconceito, o embranquecimento, o cerceamento dos espaços de atuação, entre outros, são mecanismos de inferiorização apontados e combatidos no conto de Miriam Alves e de autoras e autores contemporâneos.

O lugar de fala configurado pela narradora de “Um só gole” é um elemento não só de representatividade para o grupo ao qual pertence, como também, e, principalmente, uma forma de discutir estruturas racistas e executar a quebra de tais organizações.

Ler Miriam Alves é, portanto, tarefa imprescindível para que se compreenda as chuvas-batalhas que se apresentam atualmente como uma ação de depuração das conjunturas sociopolíticas que operam a subalternização de grupos marginalizados nos mais variados âmbitos, sejam estes sociais ou literários.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- ALVES, Miriam. Um só gole. In: *Juntar pedaços*. Rio de Janeiro: Malê, 2021, p. 81-87.
- BERTH, Joice. *O que é empoderamento*. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (coleção feminismo plurais).
- CUTI, Luiz Silva. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- CUTI. [org.]. *Cadernos Negros 5*. São Paulo: Edição dos Autores, 1982.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. Belo Horizonte: Letramento, 2017. (coleção feminismos plurais).